

Professores elegem diretoria de sindicato

Três chapas estão disputando desde ontem até amanhã os votos dos 22 mil profissionais filiados ao Sindicato dos Professores (SinproDF). O resultado final será conhecido na sexta-feira.

A chapa 1 — Cidadania, Independência e Luta — representa o grupo da atual diretoria e é composta por militantes moderados do Partido dos Trabalhadores (PT).

Oposição de Esquerda — Independência e Luta — é o nome da chapa 2, integrada por setores considerados xiitas do PT e do PSTU.

A chapa 3, que se considera representante da maioria silenciosa, é também conhecida como Pó-de-Giz.

As chapas 1 e 2 reivindicam para elas o direito de representar os ideais da Central Única dos Trabalhadores (CUT).

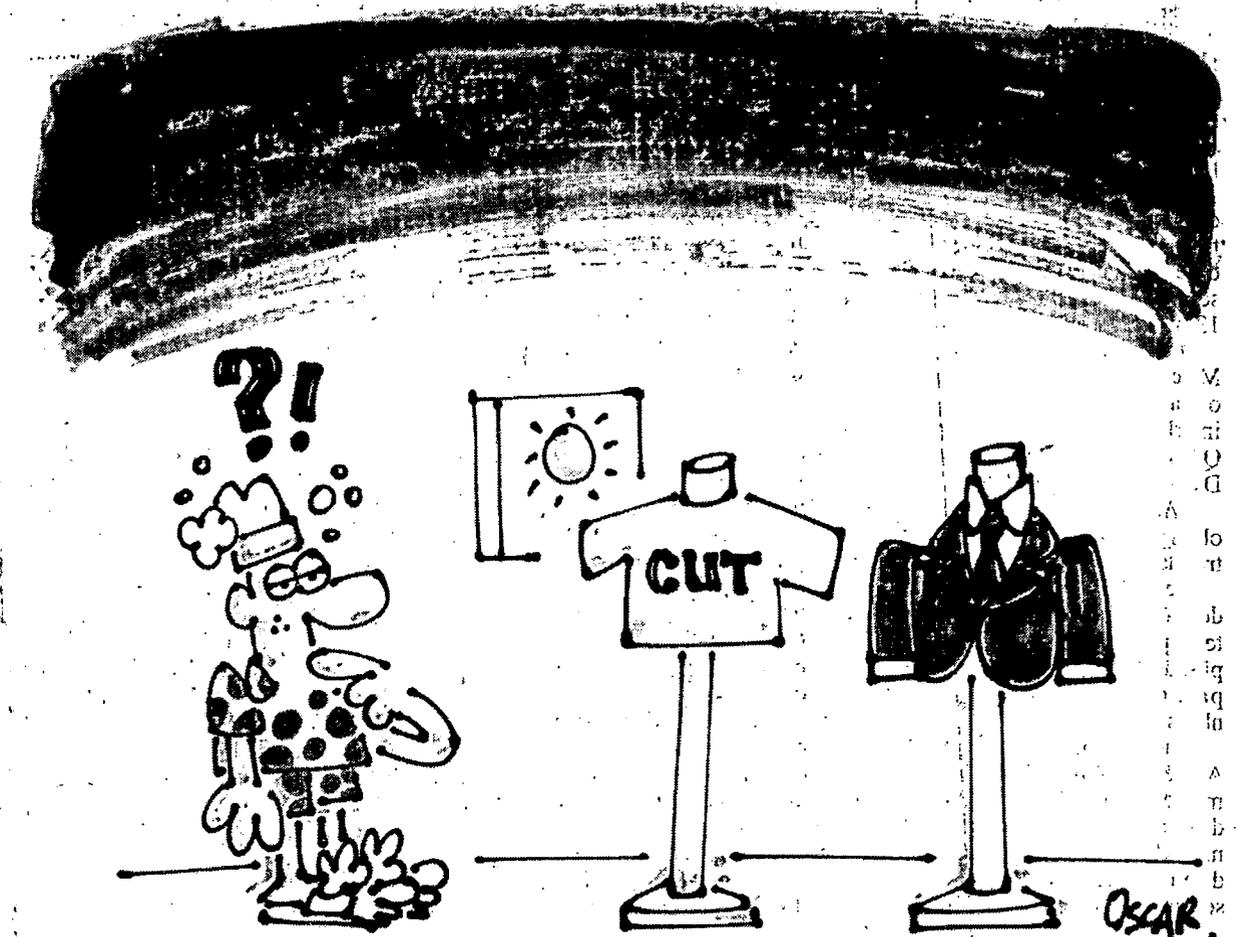
Luta — “Tentar nos caracterizar como subservientes ao governo é desonestidade ideológica. Temos quase 20 anos de luta à frente da categoria e jamais confundimos partido com sindicato. Cumpriremos sempre o nosso papel, seja qual for o governo”, ratifica Lúcia Ivanov, do grupo situacionista.

Marléo Rosseli, da chapa 2, prega o “desatrelamento do governo e acredita que seu grupo representa a verdadeira esquerda.

“Vamos reorganizar o Sinpro, resgatando sua característica de sindicato combativo”, promete.

Manoel Pereira Santana, da Secretaria de Formação Sindical da chapa 3, quer dar voz ao que considera “maioria silenciosa” da categoria dos professores.

“Somos mais de 22 mil sindicalizados e sempre ficamos a reboque



de uma minoria de militantes que nos hostiliza chamando-nos de pelegos. Precisamos mudar esta situação”, sustenta.

Oposição — O professor garante que sua chapa “é a única de oposição” e representa “todos os segmentos ideológicos, exceto o PT”.

O representante da chapa 2 expli-

ca que o racha na esquerda do Sinpro foi motivado pela falta de uma postura clara da atual diretoria contra o governo Fernando Henrique Cardoso e pelo atrelamento a Cristovam Buarque.

“Treze diretores do sindicato assumiram cargos de confiança no GDF. A categoria foi deixada em

segundo plano. A base rejeitará isso”, analisa.

Lúcia Ivanov rebate: “Ser esquerda não é um privilégio deles. Esta sempre foi a nossa prática. Jamais nos atrelaremos a um governo. Independente de quem esteja no poder, sempre cumpriremos nosso papel de sindicalistas.”